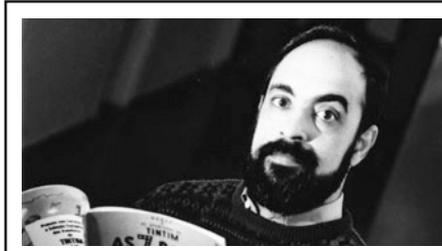


ENTREVISTA





Waldomiro de Castro Santos Vergueiro é pesquisador das histórias em quadrinhos. Formado em Biblioteconomia e Documentação pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e pós-doutorado pela Loughborough University of Technology (Inglaterra). Atualmente é professor, vice-chefe do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, e coordenador do Observatório de histórias em quadrinhos na ECA-USP. Atua como membro do corpo editorial da Revista Interamericana de Bibliotecologia e da International Journal of Comic Art. Esta entrevista foi concedida às professoras Regina Giora, Elcie Masini e Mirian Celeste F. Dias.

Pensamento/linguagem, unidos por uma barra, não um hífen, neste dossiê, implica algumas considerações para nós. Como você vê essa relação entre linguagem e pensamento? E especificamente nas linguagens em que você é um reconhecido pesquisador?

Não sei se sou a pessoa mais indicada para responder a esse tipo de questão, mas tentarei refletir sobre essa relação. Entendo que a linguagem é o filtro pelo qual nós vemos o mundo e o construímos. Este, na realidade, é aquilo que nós construímos internamente, mediado pelas diversas linguagens que utilizamos. E essa imagem que formulamos guarda uma relação de semelhança com a realidade, mas não é exatamente essa realidade. É como seu simulacro, como diria Bau-drillard (1991). A primeira, logicamente, é a linguagem natural, que nos faz participantes de um dado universo de macrossignificações, e não de outro. Eu penso a partir da língua portuguesa e das construções que ela me leva a fazer, pois é nela que eu fui criado e dentro dela desenvolvi meu raciocínio. Isso já foi abordado de maneira muito mais apropriada por Roland Barthes (1980), quando fez a discussão sobre o fascismo da linguagem.

Para Barthes, a literatura é o caminho para a liberação da opressão da linguagem. Lendo sua afirmação de maneira mais abrangente, entendo que as diversas linguagens artísticas representam a possibilidade de elevar o pensamento para além dos ditames e das limitações da linguagem natural. É sob essa perspectiva que vejo as histórias em quadrinhos como uma possibilidade concreta de ascensão do pensamento para além do racional definido pela linguagem. É esse potencial dos quadrinhos que nos faz acreditar que o desenho de um homem voando é de fato um homem realizando um feito inimaginável para o comum dos mortais ou de que o desenho de um rato antropomorfizado pode ser entendido como um judeu perseguido na Alemanha nazista.

Para você, como pensamento e linguagem se articulam com a emoção, a sensibilidade e a cognição?

Entendo a cognição como a forma de compreender o mundo que me cerca, seja em seus aspectos concretos (objetos, pessoas, animais), seja nos abstratos (as mensagens/sensações que os objetos,

as pessoas e os animais despertam em mim), dando a esse mundo um significado que responde a minhas necessidades psíquicas e sociais.

Nesse sentido, parece-me que a compreensão que tenho do mundo é pautada não apenas pelo racional, mas também por elementos ligados à emoção e à sensibilidade, desenvolvidos ao longo da vida. Vygotsky (1987) vê a função primordial da linguagem como sendo a comunicação, a interação humana. E está certo quanto a isso. Mas esse processo de comunicação, de criação de sentido, é mediatizado pela emoção, e não ocorre apenas pelo âmbito do racional. A compreensão de uma história em quadrinhos, o entendimento de uma mensagem fílmica ou a apreensão de um texto escrito ocorrem por meio do duplo linguagem/pensamento, mas nesses atos não deixam de interferir em elementos relacionados a aspectos emocionais.

Em uma entrevista realizada por Eloyr Pacheco, em 2005, você afirmou que a produção de autores e editores de história em quadrinhos foi afetada pelo fluxo de material que vinha do exterior e pelas condições de produção no país ante esse fluxo. Em 2010, cinco anos após essa entrevista, como você vê a situação das condições de produção dos autores e editores de quadrinhos no país?

É certo que ocorreram mudanças no panorama das histórias em quadrinhos no Brasil. Ainda temos um fluxo muito grande de material que vem do exterior e é aqui publicado sem muitas reflexões, simplesmente com o intuito de fortalecer a demanda por esse tipo de produção e garantir a continuidade da indústria. No entanto, os últimos cinco anos viram também o fortalecimento de uma significativa produção nacional. E isso aconteceu de várias formas. De um lado, temos o aparecimento de uma produção que emula o material importado, buscando reproduzir suas características e invadir a seara dos leitores de mangás e de quadrinhos de super-heróis. Por outro, tem-se dado maior visibilidade a uma produção voltada para um público diferenciado, incluindo nessa categoria os leitores adultos, os consumidores de quadrinhos alternativos e um público que utiliza os quadrinhos ou desfruta deles a partir de sua ligação com outras formas de manifestação artística, especialmente a literatura.

O exemplo mais destacado do primeiro caso mencionado foi o lançamento da série de quadrinhos *Turma da Mônica Jovem*, pelos Estúdios Maurício de Sousa, ocorrido em agosto de 2008. Tratou-se de uma investida industrial, planejada, do maior autor e empresário brasileiro de histórias em quadrinhos, no campo das produções de mangás provenientes do Japão. E representou também, ao mesmo tempo, uma iniciativa ousada no sentido de ampliar o público leitor de seus personagens.

Maurício, baseado em um indiscutível sucesso de público, que abrange várias gerações de leitores, decidiu bancar uma produção que apresenta seus personagens como adolescentes urbanos, e não mais como crianças, vivendo a realidade diária dessa faixa etária. Junto a essa nova perspectiva criativa, desenvolveu também uma ousada campanha de *marketing*, que levou à discussão sobre o

lançamento para esferas bem mais amplas que a dos leitores dos quadrinhos da *Turma da Mônica* tradicional. Mas estes tampouco foram esquecidos, pois a empresa desenvolveu mecanismos de comunicação rápida e direta com os leitores, utilizando os novos meios de informação eletrônica (*sites* na internet, *blogs*, *twitters* etc.). Dessa forma, conseguiu incorporar à nova produção as críticas, as sugestões e os anseios que eram manifestados pelos leitores, adequando o produto àquilo que estes preferiam ou desejavam. Sem exagero, pode-se dizer que se tratou do maior e mais bem executado lançamento de um produto quadrinístico já ocorrido no Brasil, atingindo grande impacto nos meios de comunicação de massa e indiscutível repercussão social.

Nos últimos anos, viu-se também a solidificação, no Brasil, de um movimento cooperativo de produção de quadrinhos, que encontrou sua melhor expressão no chamado coletivo *Quarto Mundo*; na realidade, um selo independente que representa uma aliança de quadrinistas, buscando salientar a seriedade do trabalho e o compromisso com um quadrinho de qualidade. Esse grupo de autores tem aumentado nos últimos anos, obtendo espaço na imprensa para suas publicações, divulgando seus produtos tanto diretamente como por meio da presença em feiras e convenções, além dos canais tradicionais de comercialização, como bancas e gibiterias.

O *Quarto Mundo* deu um novo alento ao movimento independente de quadrinhos no país, incentivando o aparecimento de novos autores e ampliando a produção na área, antes praticamente restrita ao próprio grupo de produtores. Pode-se dizer com certeza que hoje temos muito mais autores produzindo histórias em quadrinhos no Brasil – e atingindo o grande público – do que há cinco anos.

Na terceira ponta do triângulo está a efervescência no país de uma criação quadrinística ligada à produção literária. Essa produção surge em função de um nicho de mercado visualizado pelos editores brasileiros, criado a partir da inclusão no Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), do governo federal, de obras de quadrinhos com viés literário. Isso ocorreu a partir de 2006, quando as primeiras obras em quadrinhos foram escolhidas para fazer parte da lista de livros distribuídos às bibliotecas escolares de todo o país. Assim, os editores viram a possibilidade quase certa de escoamento de determinadas edições por intermédio do programa governamental e começaram a investir na contratação de autores que pudessem transpor para a linguagem dos quadrinhos as obras literárias mais conhecidas do público, especialmente os grandes clássicos da literatura brasileira. Isso propiciou o aparecimento de um significativo número de títulos, de variado grau de qualidade gráfica e artística, com versões quadrinizadas de livros de autores como Machado de Assis, José de Alencar, Lima Barreto, Jorge Amado, Antônio de Alcântara Machado e outros.

Em paralelo a essas três vertentes de produção, nos últimos anos viu-se também a consolidação das livrarias como um espaço de comercialização de histórias em quadrinhos no Brasil, principalmente produtos de mais esmerado acabamento técnico e voltado para um público mais adulto e exigente. Nisso, o mercado brasileiro acompanhou a realidade internacional, onde as livrarias, há quase uma década, realizam a comercialização privilegiada de produtos quadrinísticos. As lojas de vendas de livros localizadas em grandes *shopping centers* – ainda que não exclusivamente, pois a

comercialização em bancas de jornal continua a ocorrer no país – tornaram-se grandes disseminadoras da linguagem das histórias em quadrinhos, criando seções especiais para esse material, realizando eventos diversos relacionados a elas e promovendo encontros com os principais autores.

Você reitera que as histórias em quadrinhos têm de mais representativo sua característica de produto de consumo massivo e que o autor das HQ deverá se adaptar às exigências desse público? Uma resposta positiva seria afirmar que segue a mesma diretriz empresarial de um programa televisivo como o *Big Brother*?

Reitero o caráter de produto massivo das histórias em quadrinhos e, sob esse prisma, a necessidade de adaptação do autor às exigências do público. No entanto, discordo terminantemente de que isso represente seguir a mesma diretriz empresarial de um programa televisivo como o *Big Brother* ou qualquer outro do mesmo gênero. E digo isso porque as histórias em quadrinhos não representam um meio de comunicação de massa necessariamente coletivo e com tão forte influxo do fator mercadológico, maciçamente dominado por forças de mercado e pouco permeável à influência do autor individual, como ocorre com o sistema de produção televisiva.



Nas histórias em quadrinhos, a possibilidade de uma produção autoral conseguir se alçar acima dos ditames do mercado é muito maior do que ocorre em outras mídias de massa. Isso ocorre porque, mesmo nas produções em colaboração – das quais participam diversos autores, com rígida divisão de tarefas –, existe a perspectiva de cada contribuição individual. Uma obra em quadrinhos pode ter um roteiro apenas razoável, mas ter uma arte esplendorosa, que a distinga de todas as demais; ou, pelo contrário, pode ter uma arte com pouco destaque, mas um roteiro de complexidade e definições temáticas pouco usuais. A situação ideal ocorre quando todos os participantes do projeto quadrinístico – e aí incorporamos também o arte-finalista e o letrista – compartilham o mesmo nível de excelência. Daí, com muita frequência, a obra em quadrinhos atinge ápices criativos poucas vezes atingidos por outras obras da área ou mesmo por outras manifestações artísticas.

Outro aspecto que se deve considerar nessa questão é a perspectiva do leitor. Atender às demandas do público não quer dizer apenas elaborar um produto com o qual ele já está acostumado, mas

também, a partir da familiaridade com um determinado tipo de história em quadrinhos, propor obras que vão muito além dos limites do gênero. É o que aconteceu com obras como *Watchmen*, *Sandman*, *A Balada do Mar Salgado*, *Gen Pés Descalços*, entre tantas outras. Esse tipo de obra colabora decisivamente para o avanço da linguagem quadrinística e nivela para cima o gosto dos leitores, fazendo com que o tipo de produção disponibilizado pela grande indústria de quadrinhos vá se refinando ao longo do tempo. Mas com isso não quero dizer que a produção quadrinística padronizada, colocada no mercado pela grande indústria – que constitui a grande maioria das obras à disposição do público – seja menos importante do que a dessas obras mais sofisticadas. Pelo contrário, entendo que essa grande produção garante a popularização do meio e sua continuidade, possibilitando que as histórias em quadrinhos se mantenham atrativas ao público, geração após geração.

Qual o papel e a função das HQ na escola?

As histórias em quadrinhos têm muito a contribuir para a escola. E não é apenas uma questão de tornar mais atrativo o ensino ou, como muitas vezes se faz, às vezes, até inadvertidamente, de tapear o aluno com a utilização de quadrinhos como uma espécie de chamariz. Elas representam a possibilidade de ampliação dos enfoques dos diversos assuntos e também a inclusão no processo educativo de um meio de comunicação que já faz parte da realidade dos estudantes, colaborando para que a escola reproduza com mais fidelidade a realidade de todos os alunos.

Um aspecto importante a ser considerado sobre a função das histórias em quadrinhos na escola diz respeito ao conhecimento e ao domínio das características da linguagem. Afinal, as histórias em quadrinhos estão presentes em todos os ambientes sociais. Tanto alunos como professores são diariamente bombardeados por mensagens que utilizam os códigos dos quadrinhos, seja em revistas de divulgação massiva, em páginas ilustradas de jornais, em elementos publicitários de amplo espectro de público e mesmo em cartilhas educativas. Todas essas produções trazem proposições temáticas, visões de mundo que não são absolutamente inocentes, mas representam o resultado de embates sociais das mais diversas procedências. É preciso que o receptor dessas mensagens tenha condições de entendê-las em plenitude, sabendo captar aspectos que um conhecimento superficial não lhe permitiria perceber.

Sob esse ponto de vista, entendo que as histórias em quadrinhos têm que estar nas escolas porque estas têm que, em última medida, capacitar os alunos para a leitura do mundo (como diria Paulo Freire). E as histórias em quadrinhos estão incluídas na leitura que cotidianamente se faz da realidade cotidiana, tanto colaborando como se contrapondo às mensagens que vêm de outras fontes (TV, cinema, jornais, partidos políticos etc.).

Um cidadão que não foi devidamente capacitado para compreender a linguagem das histórias em quadrinhos é um cidadão que não tem acesso a uma rica fonte de informações sobre o mundo e sobre si mesmo. É um cidadão socialmente aleijado, para dizer o mínimo. Daí a importância de as histórias em quadrinhos estarem na escola.

Outro aspecto que vale a pena salientar na associação das histórias em quadrinhos com a escola é seu caráter, digamos assim, pragmático, instrumental. As histórias em quadrinhos podem ser aplicadas em TODAS as áreas de ensino, para TODAS as faixas etárias, em TODO o tipo de ambiente didático. Trata-se, muito mais, da capacitação dos docentes para a utilização das histórias em quadrinhos no ambiente didático, explorando todas as características distintivas da linguagem, e não apenas aquelas mais proeminentes (um balão aqui, uma onomatopeia ali, um signo de movimento acolá...).

Como as funções superiores, como a imaginação, a memória, a percepção, podem ser estimuladas pelos quadrinhos?

Um aluno meu de doutorado (ANDRAUS, 2006) desenvolveu há tempos uma tese que abordava essa questão. As histórias em quadrinhos, por sua característica de linguagem híbrida, que transita pela inter-relação e intersignificação texto e imagem, estimula, ao mesmo tempo, os dois quadrantes do cérebro. Assim, o aspecto racional é ativado pelas histórias em quadrinhos prioritariamente pela parte escrita da linguagem, enquanto o lado criativo, imaginativo mesmo, é reforçado pelo conteúdo imagético dos quadrinhos. É um processo dialógico que ocorre naturalmente, ampliando os horizontes do leitor no que diz respeito à sua percepção de mundo.

Estamos aqui no campo da representação e da dinâmica existente entre o signo utilizado para a representação e a coisa representada, questão desenvolvida por Michel Foucault (1995) em um de seus livros mais famosos. Nos quadrinhos, essa relação ocorre a todo o momento, pois eles transitam no âmbito do simbólico, com o texto verbal assumindo também a função visual.

Veja-se, especificamente, o aspecto narrativo das histórias em quadrinhos, presente no próprio termo para elas utilizado em língua portuguesa. Falando de forma ampla, é incorreto afirmar que as histórias em quadrinhos contam uma história. Na realidade, elas sempre vão contar apenas uma parte da história, aquela que é graficamente colocada à frente do leitor, seja nas páginas de uma revista, seja em uma tira de jornal. A outra parte da história – da representação das pessoas, dos objetos, dos fundos e mesmo das palavras utilizadas pelos personagens – ocorre no espaço exclusivo da imaginação do leitor, guiada por suas experiências anteriores com gênero e personagem e por sua percepção quanto a elementos não expressos graficamente.

O quadrinho apresentado a seguir, por exemplo, retirado de uma obra do paraguaio Alberto Breccia e do argentino Hector Oesterheld, mostra dois homens aparentemente em atitude de fuga de um trem. Mas nem os dois homens estão apresentados em sua completude. Na realidade, pode-se ver apenas uma parte do corpo do primeiro e uma parte ainda menor do segundo, que se imagina ser mais velho, por sua indumentária e característica facial; nem o meio de transporte é retratado, mas apenas uma pequena parte, que permite ao leitor criar em sua imaginação a parte faltante. Os homens não estão completos no desenho, mas o leitor os vê inteiros, com pernas, braços, todos os dedos no lugar etc. À medida que os quadrinhos se sucedem, essas complementações por parte

do leitor vão ocorrendo dessa forma, e ele, embora sem o perceber, é elemento participante na criação da trama narrativa expressa pela linguagem dos quadrinhos. Que outra linguagem possibilita esse tipo de interação?

Ilustração 1 – Mort Cinder, de Alberto Breccia e Hector Oesterheld.



Sobre a utilização dos quadrinhos como parte da proposta curricular, gostaríamos de conhecer sua opinião a respeito de duas questões:

- Quais são os possíveis benefícios do uso de quadrinhos no sistema escolar?
- Você considera mais apropriado seu uso em que nível de escolarização?

Já abordei parte dessas questões nas respostas anteriores, mas vale a pena destacar mais alguns benefícios do uso de quadrinhos no sistema escolar. Essa, inclusive, é uma abordagem que já desenvolvi há alguns anos, quando da primeira versão do primeiro livro que organizei voltado à aplicação das histórias em quadrinhos em ambiente didático (RAMA; VERGUEIRO, 2004).

Nessa ocasião, eu salientava os motivos pelos quais as histórias em quadrinhos auxiliam no ensino, apontando também alguns aspectos que ainda não mencionei. Entre eles estão: a predileção dos estudantes pela leitura de histórias em quadrinhos; a relação eficiente de colaboração entre imagem e palavra no ambiente escolar; o alto nível de informação presente nos quadrinhos; o papel que os quadrinhos podem representar no desenvolvimento do hábito de leitura e no enriquecimento do vocabulário dos estudantes; e o caráter tanto elíptico como globalizador dos quadrinhos.

Os estudantes querem ler as histórias em quadrinhos, pois há várias décadas elas fazem parte de seu cotidiano. Assim, sua introdução como instrumento de ensino ou como fonte de informação não é objeto de rejeição por parte dos estudantes, que as recebem de forma, em geral, entusiasmada.

A utilização dos quadrinhos em sala de aula ajuda na ampliação da participação e na motivação dos estudantes em relação ao conteúdo que está sendo ministrado pelo professor, fazendo com que ele sinta sua curiosidade aguçada e, ao mesmo tempo, veja-se desafiado em seu senso crítico.

Está já comprovado que palavras e imagens, juntas, ensinam de forma mais eficiente. No caso das histórias em quadrinhos, a interligação do texto com a imagem amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para fazer. Isso ocorre porque, no código quadrinístico, a relação entre palavra e imagem não é simplesmente de adição – como ocorre em livros didáticos –, mas de complementaridade.

As produções em quadrinhos versam sobre os mais diferentes temas. Cada gênero, mesmo o mais comum – como o de super-heróis, por exemplo –, ou cada história em quadrinhos isoladamente oferece um leque de informações passíveis de se tornar objeto de discussão em sala de aula. Depende apenas de o professor desenvolver estratégias que levem à participação dos alunos, por meio das histórias em quadrinhos. Elas podem ser utilizadas tanto como reforço de pontos específicos do programa como para possibilitar exemplos de aplicação dos conceitos apresentados em aula.

A colaboração das histórias em quadrinhos ao desenvolvimento do hábito de leitura é comprovada diariamente por mim, no testemunho espontâneo que recebo de alunos das mais diversas procedências, descrevendo sua relação com os quadrinhos desde a mais tenra idade e como essa relação os ajudou a se interessar pela leitura de livros, revistas, jornais etc.

Assim, mais do que um elemento para afastamento do leitor de outras leituras – ideia preconcebida que dominou o ambiente escolar até recentemente e que ainda muitos mestres parecem apoiar –, as histórias em quadrinhos facilitam o desenvolvimento de leitores ecléticos, abertos para várias formas de leitura e manifestações artísticas.

Em 2008, uma aluna minha de doutorado desenvolveu uma tese a esse respeito, realizando pesquisa de campo com leitores do Brasil e da Espanha, comprovando essa proposição (BARI, 2008).

Por outro lado, debruçando-me agora sobre a segunda parte da questão, é preciso reconhecer que as histórias em quadrinhos são subutilizadas nas escolas brasileiras. Embora o número de iniciativas nessa área venha crescendo, ainda é relativamente pequeno para a vastidão de nosso território e para as características de nosso ambiente educacional. Trata-se, assim, de inserir as histórias em quadrinhos nas próprias escolas de formação de professores, familiarizando-os com esse meio e suas principais manifestações, habilitando-os à utilização adequada dos materiais e possibilitando-lhes o necessário conhecimento para propor novas aplicações.

Também não tenho dúvida sobre a parca e, no mais das vezes, inadequada utilização da linguagem quadrinística nos livros didáticos, nos quais elas apenas aparecem como elemento transitório e de pouca visibilidade. Muita coisa ainda há a ser feita para que todo o potencial das histórias em quadrinhos, tanto sob o ponto de vista da própria linguagem como de instrumento auxiliar de ensino, possa ser explorado na escola brasileira.

A boa notícia é que as iniciativas aumentam e, mesmo que por tentativa e erro, avanços vêm sendo atingidos. Assim, não se trata de apontar à qual nível de ensino as histórias em quadrinhos podem oferecer maior contribuição, mas de encontrar a forma e o material certos para aplicá-las em cada um deles. Não existem limites para a aplicação dos quadrinhos em ambiente escolar; ou, se existirem, eles estão muito mais neste do que naquelas.

Fale-nos sobre o Núcleo de Pesquisas em HQ que você criou na ECA-USP, atualmente transformado em Observatório.

O Núcleo de Pesquisas de Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicações e Artes da USP foi criado em 1990, a partir da aproximação dos três professores que à época se dedicavam à pesquisa do tema. Além de mim, faziam parte do trio os professores Álvaro de Moya e Antonio Luiz Cagnin.

Fui indicado coordenador do Núcleo, função na qual permaneço até hoje, devido à aposentadoria dos dois colegas. Estabelecemos, então, como objetivo do Núcleo a criação de um espaço interdisciplinar para a discussão e o aprofundamento de questões referentes às histórias em quadrinhos no âmbito da Universidade de São Paulo, almejando um ambiente criativo de pesquisa sobre quadrinhos.

Nos objetivos iniciais, constou também a participação ativa nos rumos da produção e criação na área, o acompanhamento do que é produzido e o desenvolvimento de ações concretas que possam levar ao reconhecimento social da área e à legitimação das histórias em quadrinhos como objeto de pesquisa.

Com o correr do tempo, esses objetivos foram confirmados, agregando-se também objetivos relacionados à capacitação de profissionais para a utilização de histórias em quadrinhos em ambiente didático, que se tentou atingir por meio de publicações monográficas e cursos específicos.

Desde seu início, o atual Observatório de Histórias em Quadrinhos – denominação adotada para atender ao estipulado pela burocracia acadêmica – procurou se abrir para a ampla participação de alunos, professores e interessados em geral, não apenas pertencentes à comunidade "uspiana". Assim, aos poucos, professores de outras universidades passaram a ter uma participação ativa nas atividades, representando um elemento de contato interuniversitário bastante rico e uma ampliação do espaço de atuação. Da mesma forma, isso colaborou em grande medida para que obtivéssemos o reconhecimento acadêmico que buscávamos não apenas em nível nacional, como internacional.

Hoje, em função das atividades que desenvolvemos nesses anos todos – ainda que em grande medida não planejadas, desarticuladas e até correndo o risco de serem equivocadas –, o Observatório se transformou em referência na pesquisa sobre histórias em quadrinhos. Sinto, vinte anos após a criação de nosso núcleo de pesquisa, que ele atingiu seus objetivos e conseguiu, por meio de um esforço coletivo que se estendeu muito além dele, granjear uma reputação sólida de seriedade acadêmica, que passa à sociedade a importância do objeto de pesquisa "histórias em quadrinhos".

Tenho muito orgulho de ter colaborado, ainda que em pequena medida, para o cumprimento dessa missão.

REFERÊNCIAS

ANDRAUS, G. *As histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário*. 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação)—Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BARI, V. A. *O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores ecléticos: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu*. 2008. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)—Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BARTHES, R. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França; pronunciada dia 7 de janeiro de 1977*. São Paulo: Cultrix, 1980.

BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.